

JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

III



JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

Posfácios de SEBASTIANA FADDA
e de JOSÉ MASCARENHAS

III

QUANTO TEMPO DURA O MAU TEMPO?

«Não. Não é uma desgraça.
É a chuva, meu amor,
Batendo na vidraça.»

Há fenómenos meteorológicos que seriam alarmantes se persistissem na natureza assim como persistem em Jaime Salazar Sampaio.

Com os versos em epígrafe, a chuva acaba por cair em casa de Jerónimo, *Aqui*. [ali] *De Passagem...*, em 1991, e não pára de bater, desde o início, contra *A Vidraça* da casa de Sérgio, em 2001.

Passam as estações, mudam os *tempos*, permanece *O Tempo* no universo de um protagonista cuja genealogia se inscreve na árvore de certos antecessores.

De Jerónimo a Sérgio, via Jacinto (*O Homem da Gravata de Lã*, 1996), JSS mimetiza-se mal disfarçadamente em JJS.

Viajantes imóveis, alojados em quartos sem vista convencional, que anseiam pela mudança sem abandonar o sítio em que as circunstâncias, ou a vontade própria, os condenaram a viver (auto)sitiados.

Contudo, a história de Sérgio, apesar dos seus cinquenta anos biológicos e dos dez anos de humidade que afligem os seus parentes mais chegados, tem quarenta anos certos.

Desde *O Pescador à Linha* (1961), sombras nem sempre vagas de outras presenças, adereços cénicos polissémicos e funcionais no jogo do palco, vêm sendo repescados pelos herdeiros.

No meio de elementos antigos, de (auto)citações, novos dados são enxertados, a começar pelo nome e alcunha do protagonista.

Novidade relativa, *Sérgio, O Vingador*, saído directamente de um folhetim que aparecia num jornal diário português dos anos 30 (?), partilha algo com o Sérgio de *A Vidraça*. Espírito venturoso, idealismo, aspiração à justiça...

Quanto à tese que este recente «vingador» pretende defender, é o autor a explicitá-la em outra sede ¹:

«Os artistas ² nunca foram livres.
Passaram a vida a conquistar, perder e reconquistar
uma migalha de liberdade provisória.»

Uma liberdade provisória obtida com unhas e dentes; perdida sempre que observador e objecto observado desempenham funções de repressão e controlo; negada quando desistem da solidariedade por incapacidade de se salvarem antes a si próprios; reconquistada (?) com a simples abertura de um guarda-chuva; armadilhada pela intempérie que enfurece por dentro...

SEBASTIANA FADDA

¹ Na Exposição para o Dia do Autor, Sociedade Portuguesa de Autores, Lisboa, 22 de Maio de 2001.

² Na versão primitiva: «Os homens».